

## Sociedade do espetáculo: um olhar sobre a cultura de imagens na educação

**Ysmilla Katalana Oliveira Figueiredo<sup>i</sup>** 

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN, Brasil.

**Lorena Thaise de Sousa Cavalcanti Rocha<sup>ii</sup>** 

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN, Brasil.

**Hélio Junior Rocha de Lima<sup>iii</sup>** 

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN, Brasil.

1

### Resumo

Esse escrito dedica-se a refletir sobre a sociedade do espetáculo e suas relações com as imagens na atualidade, enfatizando os desafios da educação contemporânea. Trata-se de um estudo que tem por objetivo analisar a presença da cultura das imagens nos agentes simbólicos na atual sociedade, entrelaçando estratégias e experiências educativas para além de uma educação formal. O presente estudo se estrutura em uma pesquisa bibliográfica, de caráter qualitativo, realizada através da reunião de textos que exploram a respeito das imagens e sua complexa relação com a educação, corpo e sua percepção. Como resposta aos impasses apresentados pela educação contemporânea acreditamos na apreciação estética como possibilidade educativa, dotada da capacidade de reconectarmos com a beleza do mundo, expressando o corpo e sua capacidade de sentir.

**Palavras-chave:** Imagens. Educação. Sensibilidade. Apreciação estética.

### Society of the spectacle: a look at the culture of images in education

### Abstract

This writing is dedicated to reflecting on the society of the spectacle and its relations with images today, emphasizing the challenges of contemporary education. This is a study that aims to analyze the presence of image culture in symbolic agents in today's society, intertwining educational strategies and experiences beyond formal education. The present study is structured in bibliographical research, of a qualitative nature, carried out through the gathering of texts that explore the images and their complex relationship with education, body, and its perception. As a response to the impasses presented by contemporary education, we believe in aesthetic appreciation as an educational possibility, endowed with the capacity to reconnect us with the beauty of the world, expressing the body and its ability to feel.

**Keywords:** Images. Education. Sensitivity. Aesthetic appreciation.

## 1 Introdução

2

As imagens estão cada vez mais presentes na sociedade contemporânea, seja por veículos de mídia, na publicidade ou propaganda, elas formam, informam ou desinformam constantemente. E no âmbito da educação não seria diferente. Por isso, neste artigo propõe-se a discussão das imagens da sociedade contemporânea como ponto-chave na mediação na qual constituem-se os sujeitos históricos.

Para isso, o principal objetivo é analisar a presença da cultura das imagens nos agentes simbólicos na atual sociedade, entrelaçando estratégias e experiências educativas para além de uma educação formal. Em outras palavras, o caminhar da pesquisa se dá a partir de um novo olhar para as estratégias educacionais, que elas também possam andar pelos caminhos imagéticos, e assim, dentro de uma educação atual, formar leitores agentes da realidade.

Logo, para atingir os objetivos propostos, serão seguidas algumas etapas. A primeira, diz respeito à investigação na qual a cultura imagética está presente dentro das experiências das relações sociais. Carregando sempre sentidos, representações, ou informações, as imagens abrem margem a uma sociedade espetacular. Mais do que um conceito, a *sociedade do espetáculo (2000)*, traz na imagem uma noção de existência, ou seja, pelo simples fato de estar na imagem, dá a impressão de se encontrar nessa dada condição de existir. Por isso, surge o questionamento: dentro da formação humana, até onde é levado em consideração as relações entre indivíduos culturais e objetos imagéticos?

No segundo momento, serão analisadas as possibilidades para uma educação do olhar. Dentro de uma sociedade espetacular, percebe-se o quão esses estímulos podem impactar na contemporaneidade. Dessa forma, surge a necessidade de entender a diferença entre “ver” e “olhar” uma imagem. Para muitos, tais questionamentos tornam-se estranhos, mas é principalmente por isso que é necessário entender o seu conceito elementar.

## 2 Metodologia

O presente estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de caráter qualitativo, que não se preocupa somente com a representatividade numérica. Volta-se, também para o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização (SILVEIRA; GERHADT, 2009). A pesquisa bibliográfica foi realizada através da reunião de textos que exploram a respeito das imagens e sua complexa relação com a educação. O estudo exploratório deu o suporte necessário para a realização desta pesquisa, pois proporciona uma visão ampla e geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato (GIL, 1999).

### 3 Resultados e Discussões

A importância de viver em sociedade significa presenciar novas transformações sociais em múltiplos aspectos, que como consequência trazem novos debates e discussões a respeito das Ciências Humanas. Por isso, o posicionamento dos saberes vem permeando discussões e novas compreensões que surgem com o intuito de auxiliar as relações do próprio ser humano com a cultura, história, bem como as práticas sociais e educativas.

Segundo o autor Manuel Castells (1999), atualmente vivencia-se uma nova sociedade que está em formação, mas sempre é pautada por relações travadas no tempo e no espaço, e que são conectadas pela momentânea presença de informações, que são geradas dentro de uma perspectiva do sistema de produção capitalista. A respeito disso, surge a necessidade de explicitar a ideia de sociedade em rede:

[...] redes são instrumentos apropriados para a economia capitalista baseada na inovação, globalização e concentração descentralizada; para o trabalho, trabalhadores e empresas voltadas para a flexibilidade e adaptabilidade; para uma cultura de desconstrução e reconstrução contínuas; para uma política destinada ao processamento instantâneo de novos valores e humores políticos; e para uma organização social que vise a suplementação do espaço e invalidação do tempo (CASTELLS, 1999, p. 498).

Diante de tais afirmativas, o conceito de sociedade em rede é vivenciado por cada indivíduo que constitui a sociedade, embora cada pessoa seja única e particular, já que cada sujeito tem as suas relações de maneira individual. Em efeitos históricos, isto ocorre desde a primeira revolução capitalista no século XIX, na qual muda-se os sentidos de construção social e de sentidos de atuação. Atualmente, as relações sociais giram em torno da conexão direta ou indireta dos indivíduos com a era do capital, ou seja, uma era das relações voláteis ou espetaculares.

A obra *Sociedade do Espetáculo*, do autor Guy Debord (2000), esclarece acerca das transformações que a sociedade teria a partir das relações sociais e materiais. Segundo Debord, essas relações têm como base a transformação do capital, que antes era de cunho econômico, e agora passava a ser um capital mais amplo e fundamentado no que o próprio autor conceitua de sociedade de espetáculo, ou sociedade mediada por imagens.

Sobre o espetáculo, Debord (2000, p. 25) afirma: “O espetáculo é o capital em tal grau de acumulação que se torna imagem”. Por isso, no livro, é acentuada a denúncia do sistema de controle social, causado por um enredo centralizado e gerido por uma pequena minoria consciente que reproduz e reforça a falsa realidade transmitida por meio do espetáculo de imagens. Por isso, o autor afirma que “[...] o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (2000, p. 14). E, a partir da sociedade do espetáculo, “tudo que era vivido diretamente tornou-se uma representação” (2000, p. 13).

Para Debord, essas representações estariam presentes em várias formas de atuação das imagens. Dessa forma, seria o modo de falar do pertencimento à época histórica, seja por propagandas, publicidade ou informações, o espetáculo sempre estará como o modelo atual a ser seguido da vida de uma pequena maioria dominante da sociedade. Por isso, o autor faz uma crítica muito forte a essa falsa realidade vivida. Ou seja, para muitos é a única informação que se conhece e que está sendo codificada na sociedade através dos meios de comunicação de massa. E, a partir disso, as racionalidades e desejos vão sendo desenvolvidos de acordo com o consumo das imagens.

Ao longo dos anos, vê-se que a sociedade produz e utiliza as imagens como uma forma de interação entre as pessoas e o mundo ao seu redor. Nessa perspectiva, pode-se dizer que os limites históricos também podem se condensar no campo da discussão das imagens. Ou seja, as imagens captam o momento histórico que está se vivenciando, como também carregam alguns aspectos da inserção e relação de uma cultura do pertencimento. Podendo levar a crer que os diferentes tipos de imagens podem representar um certo olhar sobre cada indivíduo, dizendo aquilo que é, e onde está.

E a partir dessa relação entre cultura e imagem, é que se fala sobre a cultura do consumo e a sua ilusão posta em uma pseudonecessidade. Para Debord (2000), a cultura das imagens está diretamente relacionada com o consumismo. Pois, toda mercadoria que está dentro de uma relação com as imagens declara uma ilusão de satisfação posta em uma falsa necessidade. Dito isso, “[...] o consumidor real tornou-se consumidor de ilusões. A mercadoria é essa ilusão efetivamente real, e o espetáculo é sua manifestação total” (DEBORD, 2000, p. 33).

Ainda no campo das relações humanas junto da sociedade das imagens, podemos entender que, segundo Bourdieu (1998), pensar na configuração das relações humanas é pensar na dinâmica que se ativa com objetivo de estruturar uma sociedade capitalista. Dessa forma, referimo-nos a um processo de supervalorização do capital, estruturado em uma cultura de imagens. Retornando para Debord, ele afirma: “A fase atual, em que a vida social está totalmente tomada pelos resultados acumulados da economia, leva a um deslizamento generalizado do *ter* para o *parecer*, do qual todo ter efetivo deve extrair seu prestígio imediato e sua função última” (2000, p. 18).

No mesmo contexto de cultura e imagem, pode-se também refletir e entender algumas questões das relações educacionais, dentro de uma nova cultura como indica Almeida (1994), surge uma nova cultura oral, que tem por base as imagens e os sons:

Dessa nova oralidade compartilham de maneira fundamental as produções de imagens e sons de cinema e principalmente da televisão. Se anteriormente à massificação do cinema e da televisão poderíamos pensar

em uma comunidade de pessoas, hoje é forçoso pensar em uma comunidade de espectadores, de consumidores de imagens e de sons, pessoas que formam sua inteligibilidade de mundo a partir das informações dos meios de comunicação de massas, das informações que lhes vêm por imagens e sons, dessa nova oralidade (ALMEIDA, 1994, p. 45).

Dessa forma, fica claro a existência de uma relação entre o sistema de produção e circulação das imagens dentro da sociedade do espetáculo, que se relaciona com a formação dos consumidores e espectadores. Por isso, como afirma Almeida, os elementos que surgem deste contexto vão afetar os indivíduos como um todo, ou seja, o modo no qual ele forma a sua visão de mundo, bem como a visão de si próprio.

Ao fazer essa relação entre consumismo e nova oralidade, deixa-se claro a importância na ligação entre cultura e imagem, juntamente com as experiências educativas. Por isso, poder situar no tempo, e dentro de um contexto amplo, que as relações sociais estão atreladas à dimensão da importância que as imagens têm para as relações humanas.

### 3.1 Educação e imagens: possibilidade para uma educação do olhar

Poder pensar uma educação que se posicione ativamente frente às questões dentro da cultura imagética, é reforçar a necessidade do conhecimento e posicionamento em relação aos indivíduos envolvidos na sociedade convertida em uma sociedade espetacular. O que traz muitas questões e discussões, já que se vivencia em um mundo visual, é praticamente inevitável não falar sobre a importância de um posicionamento ativo a respeito da cultura das imagens. Debord afirma que “[...] a imagem construída e escolhida por outra pessoa se tornou a principal ligação do indivíduo com o mundo” (2000, p. 188). Ou seja, as imagens que são colocadas na dimensão da cultura e suas formas simbólicas, com as quais os indivíduos se relacionam, são as mesmas imagens que falam do mundo, história, condições e cultura dos próprios indivíduos.

Frente ao desafio de se viver em uma sociedade espetacular, faz-se necessário investir em uma educação do olhar. Educação esta que viabiliza a

construção de possibilidades do ver, a partir de um exercício da sensibilidade. Afinal, o que vemos quando olhamos uma imagem? Essa questão, a princípio, pode parecer redundante, ou até mesmo óbvia, mas adquire uma interessante perspectiva quando consideramos que os termos “olhar” e “ver” não estão nela postos como sinônimos, tampouco coisas distintas! Ambos se entrelaçam na constituição de um único e mesmo fenômeno, a percepção.

7

Merleau-Ponty (1994) critica a compreensão positivista da percepção, que a distancia da sensação e as relaciona a partir da dinâmica causal de estímulo-resposta, que propõe a percepção como tomada de consciência de determinado objeto por meio de um uso instrumental dos sentidos corpóreos, postos em exercício de forma passiva. Para o filósofo, em sua perspectiva fenomenológica da percepção, a apreensão do sentido se faz pelo corpo em movimento, sendo ele um campo de expressão criadora a partir dos diversos e possíveis olhares sobre o mundo, considerando uma experiência que é sempre anterior, afinal de contas, nas palavras do próprio pensador: [...] “das coisas ao pensamento das coisas, reduz-se a experiência” (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 497). A percepção seria, portanto, um acontecimento da corporeidade, da existência.

Faz-se importante compreender que:

[...] sentir e compreender constituem-se em um mesmo ato de significação, possíveis pela nossa condição corpórea e pelo acontecimento do gesto, cuja estesia inaugura a possibilidade de uma racionalidade que emerge do corpo e de seus sentidos biológicos, afetivos, sociais, históricos. Essas compreensões de percepção e de cognição são significativas para redimensionarmos o fenômeno do conhecimento, relacionando-o à experiência vivida, ao corpo e aos sentidos que a sensorialidade e a historicidade criam (NÓBREGA, 2010, p. 81).

É do mirante do vivido que contemplamos todas as coisas. Desse modo, as significações invocadas pelo corpo que vê são tecidas em seu olhar abarcando todas as suas experiências no mundo, num único acontecimento significativo. Existe, portanto, um desafio quando propomos uma educação do olhar: Como enxergar a beleza?

Rubem Alves (2011) compartilha conosco sobre certa vez em que ouviu de uma mulher queixas acerca do seu olhar. A mesma afirmou estar louca, pois ao executar ações rotineiras em sua cozinha, como cortar a cebola, passou a não vê-la mais como um mero legume a ser comido e sim como obra de arte. O filósofo consolou-a recitando o poema “Ode à Cebola”, de Pablo Neruda: “Cebola, luminosa redoma, pétala a pétala formou-se a tua formosura, escamas de cristal te acrescentaram e no segredo da terra sombria”. Logo, negou-lhe a loucura e afirmou que esta havia aprendido a ver com olhos de poeta. Os poetas ensinam a ver!

Esse relato nos desperta a refletir sobre a figura daquele que ensina e seus desafios. Como podem os professores serem poetas, frente aos desafios apresentados pela contemporaneidade? Quais são esses desafios e como ensinar a olhar, ou melhor, como ensinar a ver a beleza? Talvez nem todas essas interrogações sejam aqui respondidas, porém, subtrair a sua invisibilidade nos atenta para a necessidade de refletirmos sobre elas.

Iniciemos nossas reflexões lançando o olhar sobre esse tempo histórico no qual estamos situados. Evidencia-se que, na contemporaneidade, as novas tecnologias vêm inaugurando novas modalidades de corpo, ampliando as possibilidades de relação com o mundo. Muitas dessas possibilidades estão fundadas no uso das imagens, uma vez que a alta tecnologia em muito facilita sua manipulação e circulação. Todavia, não o uso, mas o abuso das imagens no cotidiano das pessoas pode ser motivo de preocupação, sobretudo a partir do entendimento de sua veiculação pela mídia como apelo em função de uma sociedade do consumo, capaz de lançar sobre os que olham um número infinito de informações, sem, no entanto, conceder o necessário tempo para o ver, e dessa forma “somos hoje dominados pelas imagens e é por esse excesso que ainda não aprendemos a ver” (FONTANA, 2010, p.47).

Ana Mae Barbosa afirma que em nosso cotidiano “estamos rodeados por imagens veiculadas pela mídia, vendendo produtos, ideias, conceitos, comportamentos, slogans políticos etc.” (2002, p. 19). Dessa forma somos inundados por uma chuva de imagens, e imobilizados por uma passividade que nos

impede de nadar e “Como resultado de nossa incapacidade de ler essas imagens, nós aprendemos por meio delas inconscientemente” (BARBOSA, 2002, p.19).

Compreendemos que essa preocupação deve ser tematizada no âmbito da Educação, e apontamentos relacionados a uma educação do olhar se fazem urgentes. Afinal de contas, “o ato de ver não é coisa natural. Precisa ser aprendido” (ALVES, 2011, p. 18).

9

Nesse sentido, Nietzsche (2004), nos chama a atenção para essa primeira incumbência da educação: ensinar a ver. Dessa forma, revela que é por intermédio do olhar que o educando entra em contato com a beleza do mundo. Compreendemos, portanto, que o olhar precisa ser educado para o encantamento e conhecimento do mundo e da vida. Não são os poetas que ensinam a ver?

Retornamos, então, para uma das questões já anunciadas: Como podem os professores serem poetas, frente aos desafios apresentados pela contemporaneidade? Essa não é uma questão fácil de ser respondida, e não pretendemos nos inclinar à cultura da velocidade e imediatismo a fim de oferecer respostas rápidas e instantâneas. Nosso intuito é o de contribuir com alguns elementos que possam enriquecer as reflexões tecidas no âmbito da educação e oferecer algumas possíveis sugestões.

Compreendemos que o entendimento e dedicação do professor à educação, deve transcender e superar a perspectiva limitada que a reduz a uma mera aplicação de exames que desconsideram sua relação fundamental com a vida, com o mundo e com a cultura. Devendo este atentar-se para uma educação capaz de abraçar a amplitude do mundo e acolher a diversidade das relações.

Dessa forma, unimos esse trabalho aos esforços de outros pesquisadores, tais como Pessi, Pessi e Nunes (2017) que propõem uma transcendência à noção da realidade, compreendendo-a como uma via em direção a uma educação ético-estética, por meio da qual, reaprenderíamos a olhar para a beleza no mundo, bem como a beleza do mundo. Nesse sentido, contextualizando a escola, considera que:

Na sala de aula, local onde se deve experienciar a beleza, é também o habitat natural da relação professor-aluno, pois o professor pode ensinar a enxergar o mundo e a vida de modo diferente. O que significa escapar aos

limites dos programas conteudistas para avançar para a vida em ação e beleza (PESSI; PESSI; NUNES, 2017, p. 112).

10

Ou, ainda, às considerações de Maciel (2013), que apontam para uma educação do olhar atenta à diversidade de sentidos e significados. “Dessa feita, todo esse movimento requer, com urgência, a educação do olhar para que os diversos sentidos e significados nela guardados e expressos não se percam em função da quantidade dessas manifestações” (MACIEL, 2013, p. 101).

É considerando os esforços destes e de outros colegas da seara da educação e seu tino em refletir/propor uma educação do olhar, que sugerimos a experiência estética como estratégia pedagógica voltada à reconexão do sujeito com a beleza do mundo, beleza esta que permeia as relações com a arte, de forma a expressar a dimensão sensível do corpo.

Quando nos referimos à experiência estética, torna-se importante compreender que:

A sensibilidade estética é um desdobramento da análise perceptiva de Merleau-Ponty, considerando os aspectos do corpo, do movimento e do sensível como configuração da corporeidade e da percepção como instrumento de apreensão (interpretação) e criação dessa linguagem; considerando as referências feitas pelo filósofo às artes, especialmente à pintura, como possibilidade de se ampliar a linguagem, de aproximá-la da vida do homem, do corpo; considerando também à crítica ao racionalismo, à causalidade e à lógica linear, afirmando os paradoxos, o inacabamento, a reversibilidade, o simbolismo do corpo, como elementos da corporeidade, revelando à abertura aos infinitos olhares possíveis sobre a realidade concretizados na experiência estética (NÓBREGA, 1999, p.122).

Refletimos então, sobre a dimensão expressiva do corpo, considerada por Merleau-Ponty como comunicação da realidade sensível, tendo em vista que:

Por meio do logos sensível, estético, coloca-se a experiência perceptiva como campo de possibilidades para o conhecimento, investido de plasticidade e beleza de formas, cores e sons. O corpo e o conhecimento sensível são compreendidos como obra de arte, aberta e inacabada, horizontes abertos pela percepção (NÓBREGA, 1999, p.125).

Esse corpo diante da obra de arte em apreciação, sendo também obra de arte, se apresenta aberto a sentir e viver, lançando-se à experiência educacional do olhar.

Corpo fenomenológico, que diante do apreciado, revela o vivido, e que a cada impulso de significação, celebra sua existência no mundo.

Quando nos pomos em apreciação de uma obra de arte, sentimos, e ao tentar esboçar essa experiência sentida, vivida, em palavras, encontramos dificuldades. Parece-nos insuficiente o número de palavras que existem para expressar o que sentimos. “Podemos perceber que o sentido da vivência estética é bem este: um arrebatamento corporal intenso e sensível que torna a força das palavras ou dos conceitos insuficientes para descrevê-lo” (PORPINO, 2006, p. 70). Todavia, é uma experiência de mergulho no mundo, em encontro com o outro. Considerando que:

A arte é expressão de um sentido sempre novo. Tal sentido se faz presente na criação do artista que interpreta o mundo, compartilhando suas ações e vivendo na presença de outros seres humanos. Criando a obra de arte, o artista cria a si mesmo. Quando interpreta o mundo, é a si mesmo que também interpreta; obra, mundo e autor se confundem. [...] A arte expressa o mundo do seu criador (uno), que também é o mundo das outras pessoas (múltiplo); seu significado emerge dessa simbiose entre o uno e o múltiplo, entre o visível da obra e o invisível das diversas interpretações a ela atribuídos (MERLEAU-PONTY apud PORPINO, 2006, p. 72-73).

É essa experiência, a experiência estética, que nos arrebatava e nos desperta para sentidos que emergem da dimensão sensível do corpo, nos conectando com o mundo, e nos relacionando com o outro. É a partir daí que tecemos sentidos e significados próprios em um processo educacional, que afirma o nosso protagonismo frente ao ato bravo de existir e resistir.

#### 4 Considerações finais

De tudo o que vemos, o que fica? Fica aquilo que é tecido em nós. Referimo-nos aos sentidos e significados construídos na dimensão sensível do corpo na trama do mundo. Compreendemos que o ato de educar implica em oportunizar adequados espaços para que esse processo aconteça. E que, educar o olhar em uma sociedade de imagens, é um desafio, que nos convida a estar atentos às necessidades de nosso tempo.

Pensar em uma educação que tome posição de forma ativa diante das questões que emergem de uma cultura da imagem, enfatiza a urgência de conhecimentos e posicionamentos relacionados aos sujeitos que transitam em uma sociedade espetacular.

É diante da hostilidade desse terreno aos processos humanizantes, que identificamos a necessidade de se investir em uma educação do olhar, capaz de oportunizar a construção de possibilidades do ver, através de movimentos da dimensão sensível do corpo.

O resgate da capacidade de enxergar a beleza do mundo e das relações se faz imediato. Nesse sentido, discutimos a experiência estética como possibilidade educativa, capaz de reconectar-nos com a beleza do mundo, expressando o corpo e sua capacidade de sentir.

## Referências

- ALMEIDA, Milton. **Imagens e Sons: a nova cultura oral**. São Paulo: Cortez, 1994.
- ALVES, Rubem. **Educação dos sentidos e mais**. Campinas, SP: Verus Editora, 2011.
- BARBOSA, A. M. As mutações do conceito e da prática. In A. M. Barbosa, **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo, Brasil, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede: a era da informação – economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.
- FONTANA, Lélia L. **Possibilidades para “ver o invisível” nas representações tridimensionais nos livros didáticos de matemática**. Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação. UFPR. Curitiba, 2010.
- GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 1999.

MACIEL, A. de M. A importância da imagem no cenário da contemporaneidade: uma necessidade da educação do olhar. **Revista Temas em Educação**, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 95–109, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/17537>. Acesso em: 3 jul. 2022.

MERLEAU-PONTY, **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

NIETZSCHE, F. **Escritos sobre Educação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2004.

NÓBREGA, T. P. **Para uma teoria da corporeidade**: um diálogo com Merleau-Ponty e o pensamento complexo. 1999. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), Piracicaba.

NÓBREGA, T. P. **Uma fenomenologia do corpo**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010.

PESSI, Ingrid Gayer; PESSI, Donizeti; NUNES, Ana Luiza Ruschel. A Perspectiva ético-estética da educação: uma proposta de educação do olhar para a emancipação e a autonomia. **Educação & Linguagem**, v. 20, n. 2, p. 107-123, 2017.

PORPINO, Karenine de Oliveira. **Dança é educação**: interfaces entre corporeidade e estética. Natal/RN: EDUFRN Editora da UFRN, 2006.

---

<sup>i</sup> **Ysmilla Katalana Oliveira Figueiredo**, ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-4012-8623>

Mestranda em Educação, pelo programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC, na Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN.

Contribuição de autoria: pesquisa, escrita e revisão textual.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7190435152298608>

E-mail: [ysmilla\\_katalana@hotmail.com](mailto:ysmilla_katalana@hotmail.com)

<sup>ii</sup> **Lorena Thaise de Sousa Cavalcanti Rocha**, ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-4012-8623>

Mestranda em Educação, pelo programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC, na Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN.

Contribuição de autoria: pesquisa, escrita e revisão textual.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/34996765438732>

E-mail: [lorenacavalcantisousa@hotmail.com](mailto:lorenacavalcantisousa@hotmail.com)

<sup>iii</sup> **Hélio Junior Rocha de Lima**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4353-7003>

Doutor em Estudos da Linguagem, professor orientador da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN.

Contribuição de autoria: pesquisa, escrita e revisão textual.

---

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7972084204792685>

E-mail: [heliojunior@uern.br](mailto:heliojunior@uern.br)

**Editora responsável:** Karla Colares Vasconcelos

**Como citar este artigo (ABNT):**

FIGUEIREDO, Ysmilla Katalana Oliveira; ROCHA, Lorena Thaise de Sousa Cavalcanti; LIMA, Hélio Junior Rocha de. Sociedade do espetáculo: um olhar sobre a cultura de imagens em educação. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 4, n. 1, 2023.